

TRAJETÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL DE UMA PROFESSORA NORMALISTA NO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO

THE EDUCATIONAL LIFE TRAJECTORY OF A NORMAL-SCHOOL-TRAINED
TEACHER IN THE SERTÃO CENTRAL OF PERNAMBUCO

Maria de Fátima Moura Alencar¹

<https://orcid.org/0009-0008-9236-1490>

Edilson Fernandes de Souza²

<https://orcid.org/0000-0002-8842-4304>

Resumo:

Trata-se do recorte de estudo biográfico mais amplo sobre uma professora normalista, que em seu itinerário, chegou a ser prefeita de uma cidade do interior da Região Nordeste do Brasil, em 1993. De origem pobre, Cleuza Pereira do Nascimento (Dona Creuza) realizou seus estudos de normalista no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, um internato, a 237 quilômetros de distância de sua cidade natal, instituição responsável por preparar meninas-moças para o exercício do magistério, bem como para o casamento e os cuidados domésticos familiares. O artigo tem por objetivo analisar a trajetória de vida da professora, com foco nas memórias emergentes das configurações educacionais e religiosas em que se manteve durante considerável percurso da vida em seu processo de escolarização e como docente, funcionária pública estadual. Para tanto, as fontes foram constituídas por entrevistas narrativas e registros iconográficos, fotografias. Os resultados evidenciam aspectos relacionados à infância, ao tempo de escola e à cultura escolar da biografada, incluindo práticas de alfabetização, castigos corporais e o uso da palmatória, o caderno de caligrafia, bem como as experiências vividas no internato voltado à formação de professoras.

Palavras-chave: Memórias da escola. Formação de professora. Internato feminino.

Abstract:

¹Doutoranda e mestra em Educação (PPGEdu/UFPE), bolsista FACEPE, com graduação em Letras e especializações em Programação de Ensino em Língua Portuguesa e em Mídias na Educação. Professora da Rede Estadual de Pernambuco, com experiência em docência, gestão escolar e administrativa, tendo atuado como Gerente Regional de Educação da GRE Sertão Central (Salgueiro-PE).

²Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco, defendeu tese autobiográfica: *À Luz do Candeeiro e o Constructo do “Eu”* Fonte: educação pela arte, ciência e política (2020). Pós-doutor em Sociologia pela Universidade do Porto-Portugal (2011). Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer, com ênfase em História e Sociologia do Esporte e Lazer pela Universidade Estadual de Campinas (1988). Mestre em Educação Física e Cultura/Imaginário Social e Atividades Corporais pela Universidade Gama Filho (1995). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, linha de pesquisa Identidades e Memórias.

This article is an excerpt from a broader biographical study about a normal school-trained teacher who, throughout her trajectory, became the mayor of an inland city in the Northeast region of Brazil in 1993. From a humble background, Cleuza Pereira do Nascimento (Dona Creuza) completed her teacher training at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a boarding school located 237 kilometers from her hometown, an institution responsible for preparing young women for the teaching profession, as well as for marriage and family home care. This article aims to analyze the teacher's life trajectory, focusing on the memories emerging from the educational and religious settings in which she spent a considerable part of her life during her schooling process, as a teacher, and as a state civil servant. The sources consisted of narrative interviews and iconographic records, including photographs. The results highlight aspects related to her childhood, school time, and school culture, including literacy practices, physical punishments, and the use of the ferula (caning rod), the calligraphy notebook, as well as her experiences at a boarding school focused on teacher training.

Keywords: School memories. Teacher training. Female boarding school.

INTRODUÇÃO

Considerando os estudos historiográficos e da biografia, mesmo de forma breve, é importante compreender o papel desempenhado pelos indivíduos nos contextos sociais em que essas duas áreas do conhecimento se inserem. Para Borges (2015), durante todo o período do século XIX, a Filosofia da História, preocupada em ter como tema as “[...] instituições, trabalhando com objetos de estudo como meio, raça, nação, e não com a vida particular – levou à redução da importância do indivíduo na História” (Borges, 2015, p. 206). Esse aspecto é fundamental não só do ponto de vista teórico, como também para procedimentos investigativos, que se apresentam como um problema de método na abordagem. De qualquer forma, a história nacional escrita nessa época valorizava os grandes heróis e figuras também importantes para a literatura.

Diante disso, se o indivíduo é tomado como objeto de pesquisa, portanto, seu discurso e suas práticas; assim, inverte-se a lógica historiográfica tradicional, positivista. Todavia, “[...] o debate sobre o papel do indivíduo e da biografia, realizado nesse século, ainda se prolonga [...]” (Borges, 2015, p. 206). O prolongamento desse debate diz respeito não só à necessidade de aprofundar novas descobertas sobre o método, como também ao papel desempenhado pela biografia na história em seus diferentes subcampos.

Nesse sentido, conforme destaca Levi (2006), a biografia, ao ocupar um espaço significativo nas reflexões dos historiadores, revela uma ambiguidade inerente. De um lado, há a preocupação em evitar a redução dos indivíduos a meros produtos de pressupostos normativos, reconhecendo-se a singularidade de suas trajetórias e experiências. De outro, incongruentemente, utilizam-se esses mesmos pressupostos para sustentar hipóteses acerca da materialidade das leis e normas que se manifestam no comportamento social do biografado. Tal ambiguidade, presente na biografia, reflete-se, ainda, no debate acerca dos limites entre ciência e literatura, evidenciando as tensões epistemológicas que permeiam esse gênero narrativo.

Uma pesquisa de base biográfica procura compreender e analisar o comportamento social do indivíduo. Aliás, o próprio indivíduo, ao narrar sobre si, vai em busca de sua identidade social, construída e compartilhada, parafraseando Elias (1998), num processo de “envolvimento e

alienação” de si mesmo. Dessa maneira, a biografia é também a possibilidade de um sujeito exprimir seus sentimentos, tensões e expectativas a partir do que ele vivenciou em sua relação interdependente com outros membros de uma determinada configuração social. Baseado nisso, em certa medida, é possível perceber como o biografado desenvolve determinados padrões na sua forma de pensar e falar sobre essas experiências, trazendo, inclusive, formas específicas de recordação.

Embora Elias (1998) não tenha se debruçado sobre o método que ancora este artigo, é importante se ter em mente que, na perspectiva do “envolvimento e alienação”, o que está em jogo é a habilidade relativamente alta dos indivíduos de pensar e representar os diferentes conceitos a partir de suas experiências e, ao mesmo tempo, o que foi possível incorporar dos padrões coletivos. Assim, podemos ter como hipótese que, na elaboração de uma biografia, é aceitável, a partir desse método, compreender como um indivíduo é afetado pelos padrões sociais e subtrai as condicionantes históricas de sua representação a partir dos conceitos que elabora.

Esse método de pesquisa revela-se particularmente instigante, uma vez que possibilita o entrecruzamento de distintas áreas do conhecimento. Assim, Halbwachs (1990) chama a atenção para o fato de que não há contradições entre a autobiografia e a história e que, na experiência humana, é possível que duas memórias estejam em conexão de forma complementar. Para o autor, há uma memória individual, de caráter pessoal, e uma memória coletiva, de natureza social e histórica; ambas constituem dimensões interdependentes que oferecem ao indivíduo uma espécie de porto seguro no processo de rememoração.

Dito isso, a memória individual é inevitavelmente autobiográfica e se apoia na memória coletiva, sem a qual não há possibilidade de uma história individual ou de vida. De modo que “[...] toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (Halbwachs, 1990, p. 55). Ou seja, uma história de vida só tem sentido dentro do espectro geral da vida em sociedade, e é esse arcabouço do todo social onde assenta a nossa memória. Além disso, é salutar a compreensão de que sem um lugar determinado não há como fazer emergir a memória, as recordações.

Nesse sentido, é por meio da memória e do processo de recordação que as trajetórias de vida se configuram. O estudo da relação entre indivíduo e grupos sociais confere particular interesse ao trabalho biográfico, pois permite compreender como o sujeito constrói seus vínculos sociais ao longo da vida. Além disso, a relação com os espaços e objetos materiais também integra a recordação, uma vez que lugares e vestígios concretos funcionam como suportes da memória, reativando o elo entre experiência vivida e lembrança.

Para Carino (1999), no entanto, existe um certo fascínio na biografia, especialmente por ela resguardar, até certo ponto, uma espécie de modelo de vida a ser seguido, o que estaria, a nosso ver, o mais próximo do discurso panegírico, uma espécie de instrumentalização educativa, na perspectiva do que ele chama de pedagogia do exemplo. Isso, inclusive, remonta aos momentos iniciais da biografia, quando os discursos panegíricos buscavam, e ainda buscam, ressaltar as qualidades morais dos indivíduos, os aspectos positivos de sua existência.

De qualquer modo, biografar alguém significa tentar estabelecer conexões de sua trajetória com a de outros indivíduos, seja para confirmar seu *modus operandi*, sua moral e ética, seja para dar exemplos às avessas, demonstrando a não conformidade com seus princípios, ou seja, em que “[...] tais finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias

individuais transforme-se intencionalmente ou não, numa pedagogia do exemplo. A força educativa de um relato biográfico é inegável” (Carino, 1999, p. 154). Por isso, não se lança mão do método biográfico de maneira fortuita, haverá, por vezes, uma finalidade prática; ou, como refere o autor, uma instrumentalidade educativa que sirva de exemplo.

Considerando esses aspectos, na esteira dessas reflexões e modulada de certa forma por personagens importantes socialmente, resguarda-se a biografia de professores. Assim, Nóvoa (2013) discute de maneira aprofundada, as múltiplas abordagens biográficas e autobiográficas relacionadas a esse profissional do conhecimento. O autor adverte que, no interior do movimento de estudos biográficos, nascido de preocupações pedagógicas, têm aparecido interesses bastante difusos em relação às realidades profissionais e educativas, bem como às formas e procedimentos com que os professores se organizam no dia a dia de sua profissão.

Nesse contexto, observam-se aproximações entre diferentes campos do saber, como a Psicologia, interessada em temáticas relacionadas ao estresse, às tensões e à saúde mental dos professores, e a Sociologia, que se volta aos aspectos do universo social e da memória, entre outros. Porém, independentemente do campo teórico ou empírico de referência, “[...] uns e outros esquecem as necessidades de saber e de ação que estiveram na gênese contemporânea das abordagens (auto)biográficas, dificultando a configuração de uma reflexão especificamente pedagógica” (Nóvoa, 2013, p. 19-20).

Todavia, é importante se ater aos objetivos e às dimensões concernentes às diferentes abordagens. Dessa forma, têm-se objetivos teóricos versus a prática pedagógica dos professores, objetivos teóricos versus a profissão do professor. Além disso, destacam-se os objetivos emancipatórios, que articulam investigação-formação, o professor e sua dimensão pessoal (Nóvoa, 2013); assim como as motivações e o desejo de ser professor, elementos que emergem com nitidez no relato de nossa biografada.

Sendo considerado que a vida ultrapassa os limites de um currículo formal, a biografização pode se expressar para além das questões vinculadas à formação escolarizada e levantar, a partir da memória, os aspectos identitários da profissão docente ou relacionados às questões étnico-raciais, por exemplo. Segundo Souza (2008), o problema da identidade, bem como da alteridade, é um dos aspectos fundamentais na construção da narrativa de si. Essas preocupações são pontos de confluência de grupos de pesquisa que têm investido no processo de “investigação-formação docente” por meio da biografia.

Na perspectiva biográfica, portanto, é possível identificar também as formas e modelos de aprendizagens do próprio professor. Ou seja, como o professor aprendeu o que sabe e de que maneira esse saber é transposto aos educandos. Com isso, estamos tratando da Sociologia do Conhecimento e das condições históricas em que o saber circula em um determinado ambiente social a partir de registros que evidenciam uma determinada trajetória.

Nesse contexto, Passeggi, Souza e Vicentini (2011) situam as narrativas (auto)biográficas como fração importante do que chamam de virada biográfica em educação, de onde tem partido estudos preocupados em verificar “[...] as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais” (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 370).

Além desses aspectos, os autores apontam avanços significativos nesses estudos realizados na Alemanha, na França e nos países anglo-saxões. Reconhecem, ainda, que, esses contextos, assim como em Portugal e no Brasil, não se buscam apreender uma verdade do autobiógrafo, mas compreender de que modo o “professor-narrador-autor” se situa no contexto histórico ou, ainda, “como constrói a consciência histórica de si” (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371). E inserem-se nesse conjunto de pesquisas e em suas diferentes abordagens, preocupações relacionadas às representações sociais do docente, bem como aos aspectos constitutivos de seu imaginário.

Estudos que apresentam essas características quase sempre levam em consideração os aspectos socioeducacionais ou o ambiente em que o biografado recebeu suas marcas institucionais, que provavelmente têm impacto na formação do docente, na maneira como ele enxerga a vida e dilui seus percalços durante a trajetória. “Essa trajetória se inicia na graduação e se conclui pela ascensão ao nível de professor titular, considerado o ápice da carreira docente, na maioria das universidades brasileiras” (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 373).

Desse modo, Costa (2016) apresenta uma perspectiva segundo a qual os docentes submetidos ao método autobiográfico estão sujeitos também a uma auto-hermenêutica, ou seja, sujeitos a uma análise de seus próprios enunciados e, portanto, a interpretar suas palavras. Além disso, ao falar de sua trajetória, o “agente social” realiza, segundo seus achados, dois movimentos importantes, sendo a objetivação e subjetivação; ou melhor, a transformação de coisas abstratas em algo concreto, bem como a introjeção dos valores expostos em uma relação interpessoal tornando-se sujeito, respectivamente.

Por outro lado, a autora adverte que esse processo de “auto-hermenêutica” só é possível frente a indivíduos que possuem consciência não apenas de seu papel social ou lugar de fala, mas também das reais condições em que estão submersos na relação com o entrevistador. Nesse sentido, a subjetivação acontece quando o indivíduo introjeta ou incorpora conhecimentos e valores expressos em um determinado momento enquanto adesão ao que foi devidamente produzido na relação entrevistador-entrevistado. Adesão esta, incorporada e manifestada enquanto representações do seu modo de ser e pensar.

Em certa medida, as considerações de Costa (2016) assemelham-se às preocupações de Delory-Momberger (2016), especialmente por se perguntar qual o papel ocupado pela biografia, bem como qual o saber que tentam alcançar as pesquisas biográficas; ou seja, preocupações relacionadas à epistemologia e à metodologia da pesquisa nesse campo de conhecimento. Aliás, o problema epistemológico é recorrente quando se trata de diferenciar projetos biográficos das demais áreas das Ciências Sociais e Humanas.

Ao considerar esses aspectos, “o projeto fundador da pesquisa biográfica inscreve-se no quadro de uma das questões centrais da Antropologia Social, que é a da constituição individual: como os indivíduos se tornam indivíduos?” (Delory-Momberger, 2012, p. 523). Responder a essa pergunta parece ser um dos problemas enfrentados pelos biógrafos ao desenvolver a escuta atenta às narrativas dos indivíduos ou ao levantar uma série documental a respeito de quem investigam. Aqui também está implícita a compreensão ou a explicação da relação entre indivíduo e sociedade.

Em um projeto de investigação dessa ordem, “o objeto de pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles

dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (Delory-Momberger, 2012, p. 524). Ou seja, o objeto é intrínseco à própria dimensão do indivíduo, na medida em que, o que se busca compreender são as formas e maneiras do indivíduo superar suas crises, tensões, seus problemas e, sobretudo, como produz e reproduz o seu meio social.

Desse modo, o projeto epistemológico da pesquisa biográfica deve se concentrar no processo de “individuação, de construção de si, de subjetivação, com um conjunto de interações que esses processos envolvem com o outro e o mundo social” (Delory-Momberger, 2016, p. 136). Esses processos são partilhados com outros ramos das Ciências Humanas e Sociais, como a Sociologia e a Psicologia Social.

Contudo, a diferença entre o objeto de investigação da biografia e as demais áreas de investigação está na construção do tempo pelo indivíduo e, especialmente, na relação que o indivíduo estabelece com a sua experiência e o ato de narrar, o que poderia ser chamado de temporalidade biográfica. “Essa temporalidade biográfica tem sua gramática ou sua sintaxe fundamentada na sequência narrativa matricial que representa a trama da vida entre o nascimento e a morte” (Delory-Momberger, 2016, p. 136). Uma vez reconstruída a trama, essa temporalidade é inevitável, pois a demarcação temporal constituirá o sentido daquilo que a autora chama de fato biográfico, pela construção e constituição do tempo ser responsabilidade do indivíduo biografado.

Assim, é nessa relação entre indivíduo e sociedade, o singular e a coletividade de seu tempo, que a biografia se constitui como objeto de investigação. É esse processo que a literatura apresenta como individuação e subjetivação, o que interessa ao biógrafo na realização de seu ofício. De modo que o indivíduo organiza e ressignifica os saberes acumulados ao longo de sua trajetória, construindo o que Delory-Momberger (2016) denomina de biografias típicas, isto é, narrativas formadas a partir das experiências vividas em diferentes contextos e grupos sociais dos quais participa.

Considerando esses elementos, as “biografias típicas” podem ser compreendidas também como uma sucessão de acontecimentos partilhados num espaço-tempo, ou seja, no ambiente familiar, nas instituições educativas ou profissionais. E essa construção temporal proporcionada pela biografia causa um impacto na percepção do indivíduo. Com efeito, é possível compreender, ainda, que essa “temporalidade biográfica”, objeto de reflexão de Delory-Momberger (2016), “[...] provoca uma transformação na percepção e na construção do mundo social, organizado não mais segundo regras abstratas e formais, mas segundo o ponto de vista e a temporalidade daquele que o atravessa” (Delory-Momberger, 2016, p. 138).

A esse respeito, Alheit (2011) compreende que o indivíduo na sociedade moderna tem sempre a impressão de que sua vida está em “suas mãos”, de que sua vida é organizada segundo seu planejamento e, ainda que as coisas não saiam exatamente conforme o planejado, é resguardada a sensação de que tudo foi previsto. Assim, todos esses elementos podem ser compreendidos a partir da ideia segundo a qual sempre temos uma expectativa positiva diante da nossa biografia (Alheit, 2011). No entanto, essa expectativa positiva não se refere apenas ao futuro distante, mas também às pequenas ações e planos a curtíssimo prazo, como assistir a um filme, ir à escola, comprar um livro etc.

Desse modo, o autor chama a atenção para o fato de que a organização, o planejamento e as ações dos indivíduos se fundamentam numa espécie de código de referência sob o qual tudo o que é feito passa necessariamente por esse parâmetro, porque “[...] dispomos de um conhecimento de fundo biográfico que em princípio nos coloca em posição de preencher e também de explorar o contexto social no qual nos movemos” (Alheit, 2011, p. 36). Todavia, é óbvio que nem tudo é previsível e imaginável no transcurso de uma vida, mas esse conhecimento do qual se refere o autor é um dos fundamentos importantes para as transformações estruturais dos indivíduos, bem como das instituições das quais fazem parte por meio de seus planos e ações.

Nesta mesma linha de raciocínio, Alheit (2011) afirma que a biografização é uma competência desenvolvida pelo indivíduo para processar e combinar impulsos internos e pressões externas advindas dos diferentes grupos e instituições. Ela é uma exigência da sociedade moderna que gera aprendizagem e molda os múltiplos ambientes nos quais o indivíduo mantém suas interações sociais.

Nesse contexto, além da breve revisão de literatura apresentada nesta introdução, este artigo organiza-se em duas seções, sendo: O Sino de uma Trajetória e História de ser Professora. Tais seções correspondem a fragmentos produzidos a partir de seis entrevistas narrativas que ocorreram na casa da biografada, entre os meses de fevereiro e outubro de 2023 e março de 2024. As gravações variaram entre vinte e dois minutos e sessenta minutos, ajustando-se sempre à disponibilidade e às condições físicas da entrevistada, por se tratar de uma idosa com 87 anos, à época. Assim, a investigação original que fundamenta este artigo foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), na Plataforma Brasil, através do nº 8080.1024.8.000.5208.

O SINO DE UMA TRAJETÓRIA

Em 10 de julho de 1936, nascia Cleuza Pereira do Nascimento, natural de Salgueiro, uma cidade do interior do estado de Pernambuco, localizada na Região Nordeste a 513 quilômetros da capital, Recife. Dona Creuza, como também é conhecida a nossa biografada, é servidora pública, professora aposentada, assumiu a função de prefeita do município de Salgueiro por três mandatos, sendo a única mulher a exercer esta função neste município. Foi, também, deputada federal e é militante de movimentos de luta pelos direitos das crianças, mulheres, com participação ativa na vida política e religiosa da cidade em que nasceu.

Então tive uma infância normal do ponto de vista do que eu podia, dos bens que meus pais tinham, que eram poucos, eram pobres. Mamãe contava até o que ela levou no enxoval dela, eu ria quando ela contava quantos pratos ela levou. Era comum, mas muito cercada de carinho, porque a irmã de mamãe, Odoná, que foi quem a criou, eu achei de constituir minha avó, e a chamava de vovó (Dona Creuza, 2023).

Dando continuidade à narrativa, o Sr. Celestino José do Nascimento, pai da biografada, mudou-se para outra cidade em busca de melhores condições de trabalho. Essa decisão se explica pelo contexto histórico, uma vez que “[...] durante as três primeiras décadas do século XX, o município de Salgueiro estava inserido numa região que prometia ser de grande prosperidade econômica” (Silva Júnior, 2008, p. 140). Tal cenário favorecia o deslocamento de moradores de

outras cidades, atraídos pelas oportunidades de ascensão social e pela perspectiva de uma vida mais próspera.

Destacamos que a religião do município, “segundo fontes documentais da época, seria formada na totalidade por católicos, mesmo sem a presença efetiva de sacerdotes no sertão” (Silva Júnior, 2008, p.156). Desta forma, Dona Creuza, ao nascer, já foi inserida no que Elias (2008) chamaria de ‘configuração específica’, neste caso, em um ambiente em que as práticas religiosas norteavam os costumes, as crenças e as tomadas de decisões, logo, entendem-se que a religiosidade cristã-católica tendeu a predominar o transcurso da vida e da educação da biografada.

Ao descrever que teve uma vida comum, Dona Creuza refere-se ao que se esperava de uma criança com as suas necessidades básicas atendidas e que sua mãe possuía uma rede de apoio. A sua tia, Dona Odoná, a quem nossa biografada reconhece e considera como avó, ajudou em sua criação e sempre a levava para passar os finais de semana na sua casa. Porém, apesar de amar sua avó e gostar do tempo que passavam juntas na fazenda, Dona Creuza diz que sentia muita saudade de casa e do convívio com os irmãos Francisco de Assis, Cleusemir, Clinério, Cleonice (todos *in memoriam*) e Cleide, com quem reside atualmente. Analisar essa pequena teia de relações estabelecidas nos primeiros momentos de sua vida é fundamental para compreender alguns aspectos de suas memórias mobilizadas para a autopercepção do que ela diz “ainda ter muitas missões”.

Com aproximadamente cinco a seis anos de idade, Dona Creuza foi presenteada com uma boneca de papel, pela vizinha, também professora, Marina Batista. Em uma de suas brincadeiras, a biografada resolveu dar banho na boneca, que se desmanchou instantaneamente. Como consolo, a professora resolveu levá-la para o trabalho, momento em que Dona Creuza passou a ter os primeiros contatos com a instituição escolar, sendo alfabetizada aos seis anos de idade, mesmo sem vínculo formal com a escola.

Deste modo, nossa personagem frequentava a instituição escolar e teve a oportunidade de aprender através da oralidade, pois, com atenção, escutava as lições da professora. Durante o tempo que esteve na escola, brincava com jogos fornecidos pela docente e, conforme sua narrativa, demonstrava a relação amigável com os demais estudantes de “sua sala de aula”. Essa dinâmica é comprovada quando a biografada continua o contato com os estudantes através da prática da escrita, ao escrever e receber cartas, mesmo após a saída da professora da referida instituição. Esses primeiros contatos da biografada com o ambiente escolar, certamente, contribuíram com seu desejo de tornar-se professora e possibilitaram, nas reflexões de Brandão (1981) e Gohn (2006), aproximações com a educação formal.

Outro fato interessante foi a prática pedagógica realizada na infância por Dona Creuza quando alfabetizou sua irmã, a Sra. Cleide, na sua residência. Assim, demonstra a preocupação da biografada em compartilhar seus conhecimentos com os seus familiares e aprender na prática com o “brincar” de ser professora. Talvez tenha sido a única brincadeira que realizou em toda a sua trajetória de vida, ou seja, foi despertada para aquilo que Elias e Dunning (1992) chamam de tensão agradável nas atividades miméticas, especialmente nos esportes, jogos e brincadeiras, mas, nesse caso, por meio da imitação, do teatro, o que pode ter levado a fortalecer o seu desejo de ser professora.

HISTÓRIA DE SER PROFESSORA

Como podemos presumir da seção anterior, o contato prematuro com as práticas pedagógicas existentes na educação formal, entrelaçado com o desenvolvimento da práxis educativa nas brincadeiras com a irmã, permeado pelo grande afeto pela educadora que a presenteou com uma boneca de papel, possivelmente, tenha despertado o desejo de Dona Creuza em se tornar professora na vida adulta.

Considerando esses aspectos, compreende-se que, desde criança, as experiências vão definindo os desejos e aspirações do ser humano, que poderão crescer durante o percurso da sua vida. Elias (1995) definiu essas aspirações como configuração, que muitas vezes não são reconhecidas pelo sujeito, porém nasce do convívio com outras pessoas e esses desejos estão dirigidos para o meio social do qual o sujeito faz parte.

Com 6 anos, eu estava alfabetizada, por ouvir, sem ninguém cobrar de mim as lições. Então eu ia, ela [a professora] me dava jogos na escola, mas ela foi embora, quando foi embora eu já sabia escrever e eu escrevia então para os alunos dela, eles escreviam para mim. Então sempre vi essa história de intercâmbio escolar e achava interessante o relacionamento. **Desde cedo, fui querendo essa história de ser professora, brincava de ser professora, minha irmã mais nova, fui eu que alfabetizei e aqui não tinha um colégio** (Dona Creuza, 2023, grifo nosso).

Assim, Dona Creuza iniciou o Ensino Fundamental no Grupo Escolar Professor Manuel Leite, em Salgueiro, inclusive fez parte da primeira turma que estudou nessa escola, em 1944. Interessante que as memórias desse período estão vivas na sua narrativa por ter vivenciado momentos muito agradáveis e significativos pedagogicamente nessa instituição, como o Clube Agrícola que fortalecia as atividades diversas e, na percepção da biografada, mitigava as desigualdades sociais.

As ações realizadas pelo Clube Agrícola incluíam reuniões efetuadas fora do horário curricular, aos sábados, com a participação dos padres residentes em Salgueiro. Assim, Dona Creuza reconhece que esses momentos religiosos enraizados no contexto escolar contribuíram para fortalecer a sua religiosidade nas tomadas de decisão. Segundo Delory-Momberger (2026), esse conjunto de vivências religiosas, educacionais, familiares e políticas contribui para a formação humana, tornando o sujeito único e, no acúmulo das experiências, por vezes, interferem nas ações futuras, como o ânimo por uma profissão, por exemplo. Já nas reflexões de Gohn (2006), o objetivo principal da educação não-formal é a “transmissão e formação política e sociocultural”, desta forma, será possível preparar os indivíduos para construir uma sociedade baseada nos princípios da igualdade e justiça social.

Uma coisa que eu gostava muito lá é que tinha canto. América, de Audísio, foi uma das pessoas que me ensinou a cantar, e se tinha festa, podia marcar o trabalho fora de hora que não tinha problema, eu ia, eu gostava dessas coisas, vamos fazer um canteiro novo, não vai ser no horário da aula não! Dava uma desculpa de ser fora, eu ia, não queria saber, passava o dia quase todo na escola. E tive exemplares excelentes de professores (Dona Creuza, 2023).

Apesar da biografada reconhecer que o Grupo Escolar Professor Manuel Leite possuía um corpo docente considerado excelente, seu pai, o Sr. Celestino, decidiu transferi-la no 3º ano para a

Escola Barbosa Lima, atualmente Escola Municipal Osmundo Bezerra, porque, segundo ela, a metodologia de ensino da referida escola era norteadada por repreensões e sanções, “[...] por um processo avaliativo, que poderia ser revertido em punição para corrigir os possíveis defeitos educativos” (Souza; Souza, 2022, p. 199). Assim, entre os procedimentos disciplinares, a palmatória era utilizada pelos professores na sala de aula e, nesta perspectiva, o pai de Dona Creuza acreditava que, por ser mais exigente, a aprendizagem máxima dos estudantes era atingida.

Nesse contexto, esse método disciplinar aplicado pelos professores sob o consentimento dos pais e/ou responsáveis foi, também, objeto de estudo de Souza e Souza (2022), no Grupo Escolar Otaviano Basílio Heráclito do Rêgo, localizado na cidade de Limoeiro - PE, onde os familiares reconheciam que as professoras assumiam o papel de “mãe” dos estudantes quando estavam na instituição escolar. Acreditava-se que estes procedimentos asseguravam o reconhecimento do professor como autoridade máxima na sala de aula, além de garantir o desenvolvimento das aptidões necessárias a fim de assumir os papéis sociais pré-estabelecidos pela sociedade da época.

Ao falar sobre a transferência da escola realizada pelo seu pai, a biografada não expõe sua opinião sobre esse fato, mas deixou evidente que ao chegar na nova escola, encontrou professores dignos de sua admiração e, conseqüentemente, mostrou que o seu desempenho estava fluindo independentemente do espaço de aprendizagem, sentindo-se inserida nas atividades e nos grupos de amigos da nova instituição.

Minhas colegas no Barbosa Lima, Nailde Bezerra, Nailde Soares, que sempre foram meninas bem comportadas; Selma Sampaio que já era mais “afogueada”, Isabel de Souza (Bezinha). Tinham uns meninos assim, fabulosos de tabuada, a prática de avaliação era essa: sexta-feira, geralmente fazia-se uma roda e aí fazia umas perguntas não só de tabuada, mas dos pontos que a gente estudava (Dona Creuza, 2023).

Nessa época de formação inicial de Dona Creuza, os professores enfrentavam a dificuldade em adquirir material didático, como os livros, por exemplo, pois não existia livraria na cidade, dificultando a compra desse instrumento educativo. Por vezes, as próprias educadoras tinham que produzir os instrumentos que seriam utilizados na sala de aula, como fichas de estudo. De acordo com Moita (2013), somente após o ano de 1974 os assuntos relacionados à falta de estrutura e condições de trabalho passaram a ser amplamente debatidos. Desse modo, a entrevistada destaca o zelo da educadora para garantir o material didático de seus estudantes, o que requeria criatividade na confecção de alguns objetos na relação ensino-aprendizagem. Assim, saudosista, a biografada narra com admiração e respeito pelas mulheres que a ensinaram no início de seu processo de escolarização.

Não obstante, os castigos físicos, como a palmatória, continuavam admitidos por algumas instituições escolares como uma forma de punir os estudantes e, desta maneira, forçá-los a se empenhar cada vez mais para adquirir as habilidades impostas e evitar passar por essas humilhações. Ao treinar o estudante na aquisição do que se esperava no processo de ensino-aprendizagem, algumas instituições estimulavam a prática de jogos e competições.

[...] então, depois [a professora] fazia essa sabatina e **quem não acertava levava “bolo”**. Eu era boa em geral, mas era péssima em **caligrafia**, tradicionalmente na

quinta-feira Dona Aurênia chamava a gente nominalmente. “Creuza vai apostar com Fulano de tal ou Cicrano”, era uma educação de competição e uma competição que a gente não escolhia o adversário [...]. A gente chegava com o trabalho feito em casa, entregava, ela corrigia, atribuía a nota e começava a proclamar os resultados: G em quem ganhou, P em quem perdeu ou um E em quem empatou. **Se perdesse o companheirinho ia dar dois “bolos” na gente**, e eu não tinha jeito para fazer um trabalho aceitável [...] (Dona Creuza, 2023, grifo nosso).

Ao aplicarem a palmatória, os meninos aproveitavam essa incumbência com muita presteza e determinação, como recorda a biografada. Dessa forma, o temor da punição tornava esse momento mais angustiante: “[...] agora tinha medo de uns meninos, quando ele levantava a palmatória, eu fechava os olhos. Tinha um irmão de Nezinha, Nélío, que Ave Maria! Um bolo de Nélío era um Deus nos acuda” (Dona Creuza, 2024). Durante esse trecho da entrevista, a fala da biografada adquire um tom carregado de emoção, como se revivesse a cena narrada, visualizando novamente o gesto punitivo de um dos seus colegas da turma.

Contudo, as competições envolvendo a caligrafia persistiam. Dona Aurênia, a professora, organizou uma disputa envolvendo a irmã mais nova da biografada, Cleonice Pereira, matriculada numa série anterior, o que intensificou o caráter humilhante da situação. Embora Dona Creuza demonstrasse grande dedicação às atividades escolares, ela se deparou com essa situação e buscou estratégias para evitar a exposição pública diante da irmã. Então, solicitou que sua madrinha, Dona Conceição, realizasse a tarefa em seu lugar, de modo a assegurar sua vitória na competição e evitar nova situação de humilhação.

No dia da competição, Mizinha, apelido da sua irmã, que possuía uma caligrafia perfeita, segundo ela, ganhou a disputa, porém, deixou que os laços familiares falassem mais alto e não desferiu as palmatórias determinadas pela professora com a força que deveria, tendo como resultado: as duas irmãs sofreram a punição da palmatória golpeada pela própria professora.

As práticas educacionais envolvendo coações, castigos físicos e outras violências simbólicas, faziam parte do que se pode chamar da “Pedagogia do Constrangimento” vivenciado pelos estudantes até a década de 1970, como explicitam Souza e Souza (2022), nas quais, na tentativa de regular os comportamentos das crianças, submetiam as mesmas a aceitar a autoridade máxima dos professores e cumprir todas as regras estabelecidas por eles, caso contrário, seriam punidas. Assim, fica perceptível, durante a narrativa, que se tratava “[...] de rigor, a rispidez das ações, a falta de proximidade, a ausência de afeto entre adultos e crianças e outras práticas de severidade, austeridade na relação docente” (Sarat, 2024, p. 23).

Embora tais práticas punitivas tenham sido abolidas nas escolas, deixaram marcas profundas na biografada. Apesar disso, Dona Creuza buscou meios de mitigar ou superar esses castigos, depois desse episódio, empenhou-se para aprender a escrever da forma considerada adequada. Assim, pediu ao seu pai os materiais necessários para exercitar a escrita, como também foi além, treinava a caligrafia em todos os lugares possíveis, inclusive, utilizando tijolos “como folha de papel”. Isto posto, fica subentendido na narrativa que a biografada também escrevia em paredes, no chão e em outros espaços. Essa prática marcou a sua vida, pois, segundo relata, ainda hoje reproduz o abecedário de forma inconsciente em suas atividades cotidianas.

Não obstante, as escolas do município de Salgueiro não ofertavam o Ensino Médio, antigo 2º grau, então uma alternativa para que as crianças concluíssem o Ensino Fundamental e dessem continuidade aos estudos seria o ingresso em colégios internos, segregados para meninos ou meninas. “Esses colégios deveriam garantir a proteção e a educação das suas almas dentro de determinados modelos e assim responder às expectativas das famílias” (Moita, 2013, p. 135). Desta forma, no internato, as meninas garantiam o acesso aos trabalhos considerados tipicamente femininos, como ensinar as crianças. Nesse tempo, década de 1950, o Ensino Superior não era exigência para exercer o papel de docente, bastando, apenas, a certificação do Ensino Médio. Mas, ainda assim, a biografada residia a vários quilômetros das cidades que ofertavam esse nível de ensino e não possuía recursos financeiros para os devidos custeios, diz ela:

Eu escrevi uma carta para o **Presidente da República, que era Eurico Gaspar Dutra**, escondido, ninguém corrigiu essa carta, eu era uma pirralha de quarta série, eu fiz para ele essa carta **dizendo da vontade que eu tinha de ser professora**, já fui dizendo assim, de ser professora, e que não conseguia realizar esse meu intendo, porque os colégios de formação de professora estão fora de meu alcance, era Petrolina e Triunfo. (Dona Creuza, 2024, grifo nosso).

Após aprovação da bolsa, o pai de Dona Creuza escolheu o internato para que a filha pudesse dar continuidade aos estudos. Nessa época, as instituições de ensino mais próximas da sua residência ficavam em Triunfo e Petrolina, ambos no estado de Pernambuco, conforme narrativa, localizadas a 131 e 236 quilômetros, respectivamente. Desse modo, seu pai optou por realizar sua matrícula no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o mais distante, dirigido pelas freiras salesianas, talvez por esse internato já ter estudantes da mesma cidade da biografada.

Dona Creuza recordou do primeiro percurso realizado com destino ao internato, disse que, neste período, a estrada que ligava Salgueiro a Petrolina não era pavimentada e o meio de transporte utilizado foi um caminhão, fazendo com que o deslocamento de 236 km fosse mais cansativo, além do mal-estar que sentiu durante todo o trajeto, ao lado de seu pai. Esse desconforto fez com que nossa biografada chegasse ao colégio com aparência muito fraca. Assim, a freira que os recebeu ficou preocupada e questionou se Dona Creuza iria aguentar estudar em um internato.

[...] A freira que me recebeu disse: Mas ela é tão fraquinha, será que ela vai aguentar o internato? Eu pensei: “Meu Deus, o internato deve ser uma coisa muito ruim mesmo, porque ela está dizendo: será que eu aguento?” Aí papai disse: Eu não sei, eu sei que é o que ela quer muito, ela sonha, ela fala dormindo, fala em estudar, ser professora, então eu estou fazendo a vontade dela, vamos experimentar! (Dona Creuza, 2023).

Esse acolhimento com desconfiança sobre sua resistência física, vindo da freira salesiana para com a recém-chegada, foi inferior em relação ao desejo que perpassa a narrativa da biografada quando seu pai responde a freira: “o que ela quer muito, ela sonha, ela fala dormindo, fala em estudar, ser professora, então eu estou fazendo a vontade dela, vamos experimentar!” (Dona Creuza, 2023). Aqui se percebe o impulso e a resiliência da biografada em levar a cabo o seu desejo e a sua determinação de ser professora. Determinação essa que, segundo sua memória, a perseguiu em toda a sua trajetória no internato e na vida profissional.

Desse modo, Dona Creuza recordou que a Irmã Margarida sempre a incluía nas atividades escolares durante o período em que estudou no internato. Sua primeira participação foi na abertura do ano letivo, quando entoou O canto do piaga, durante a festividade de apresentação do regulamento da escola, mesmo sendo recém-chegada à instituição. As lembranças também revelam que foi a partir dessa experiência que ingressou no coral Cantarum Santa Cecília e passou a participar ativamente das reuniões da Associação das Filhas de Maria e da Ação Católica. Assim, experiências como essas, que reverberam durante uma trajetória de vida, podem ser identificadas por razões narrativas e uma forma específica de aprender, ou seja, biografização (Delory-Momberger, 2016).

A entrevistada se considera uma pessoa eclética, que prefere as canções que lembram do tempo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, como as músicas: Ave Maria de Gounod, e de Schubert, que são dois clássicos. Recordou, também, do Hino das Filhas de Maria “Oh mãe querida aos vossos pés um dia juramos, nosso amor vou consagrar, somos filhas devotas de Maria, assim juramos junto ao vosso altar lalarará...” (Dona Creuza, 2023). A personagem deste estudo disse que lembrava do seu tempo de menina, ao rezar a oração do Santo Anjo do Senhor, que gostava dos hinos de comunhão e adorava a música “Achei Jesus nos braços de Maria”. Já na adolescência, foi o hino do congresso religioso que marcou essa época, como também a música: “Deus chama a gente para um momento novo”. Nesse momento da entrevista, chegou também a sua memória a primeira estrofe do hino do congresso escrita por Dom Avelar, Salgueiro, nobre Salgueiro! Assim, a entrevista continuou com a biografada afirmando que “O Congresso Eucarístico foi o evento religioso que mais me impressionou na minha adolescência e juventude” (Dona Creuza, 2023).

Retornando às atividades acadêmicas, Dona Creuza foi matriculada no Curso Normal Rural, essa formação tinha por objetivo certificar rapidamente professoras para atender à realidade campesina do Brasil. O curso tinha a duração de cinco anos, sendo os três primeiros compostos por disciplinas genéricas e os últimos intensificavam a parte pedagógica. As lembranças dão conta de que o currículo era formado por dezesseis matérias e que gostou de tudo o que vivenciou no internato Nossa Senhora Auxiliadora, até o ano de sua formatura.

Figura 1 – Dona Creuza na sua formatura, Recife, 1954.



Fonte: Acervo da família, arquivo da biografada.

Conforme declarado pela biografada, ela possui somente esse registro do período, momento de significativa importância do dia em que realizou seu maior sonho: ser professora. Contudo, é bom lembrar que na época de formatura de Dona Creuza “A educação feminina [nesse tipo de instituição] apregoava a tarefa de “moralizar”, “guiar para o futuro”, inserindo-as em uma representação de “mulher-mãe-professora” determinada pelo viés biológico (Waschinewski, 2020, p.70).

Contudo, pelo que é possível apreender das recordações, foi nesse período do Curso Normal Rural que a biografada se transformou em uma catequista e, como sempre, se envolvia em atividades desenvolvidas nos espaços sociais junto à Igreja. Pois, além das atividades curriculares obrigatórias na escola, ela participava das ações extracurriculares. Então, Dona Creuza assumiu a função de auxiliar de catequista ao acompanhar as freiras na realização do oratório festivo, aos domingos, com idosos e pessoas que não tinham assistência religiosa. Pelo que foi informado em sua narrativa, essa prática religiosa também acontecia na Escola Dom Bosco, internato masculino, onde desenvolviam atividades em prol dos meninos de rua.

Com entusiasmo, a biografada narrou, ainda, que foi vivenciada na escola a Semana Ruralista com a participação do Ministério da Agricultura. Nesse evento em particular, foram realizadas atividades diversificadas para promover o desenvolvimento rural na região, então, as estudantes assistiram a palestras ministradas por engenheiros, escutaram relatos de experiências de economia doméstica, horticulturas, entre outras.

Pelo que foi possível compreender até este ponto da análise, o internato configurou-se como um espaço privilegiado nas memórias de Dona Creuza, uma vez que ela era constantemente convocada a colaborar em diversas atividades da instituição. Um exemplo expressivo dessa

participação foi sua atuação na Maratona Catequética em nível nacional, evento promovido pelo Padre Álvaro Negromonte, então diretor do Ensino Religioso no Brasil.

Nesse contexto, Dona Creuza contou outra situação que contribuiu bastante com a sua aprendizagem no internato, quando recebeu da Irmã Veloso, exemplares de livros duplicados. Essa doação ocorreu devido à disponibilidade da entrevistada em se envolver nas questões que ultrapassavam a sua obrigação como estudante, a exemplo do dia em que se dispôs a arrumar o armário da Irmã e recebeu os exemplares de livros.

A biografada parte do pressuposto de que o estudante pode ser o “senhor” de seu próprio destino educacional, principalmente quando desenvolve autonomia e demonstra interesse em aprender novos conceitos a partir dos recursos disponíveis, ainda que esses sejam encontrados em contextos inusitados, como no “lixo”. Ela acredita ainda que o indivíduo deve buscar formas de aprendizagem e sentir-se responsável ao enfrentar seus medos e, consequentemente, os desafios inerentes à própria vivência.

Contudo, recordou que, durante a sua vida acadêmica, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, se arrepende por não ter se empenhado na realização das atividades corporais, na verdade, nossa personagem assumiu que “fugia” das aulas práticas de Educação Física e sempre buscou alternativas para burlar a professora e não ser punida por suas faltas. Segundo relata, chegou inclusive a propor à diretora, auxiliar nos serviços burocráticos da secretaria e datilografar os documentos, pois aprendeu essa técnica aos dez anos de idade e, caso não praticasse, correria o risco de acabar esquecendo. Em suas narrativas, Dona Creuza reconhece que essa decisão acabou comprometendo aspectos de sua saúde e de seu desenvolvimento físico, o que hoje considera uma lacuna em sua formação integral.

Considerando as memórias evocadas pela biografada, foi na configuração pedagógica vivenciada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que Dona Creuza concluiu, em 1954, o curso Normal Rural, o que possibilitou retornar a sua cidade natal, Salgueiro, e exercer a profissão tão desejada, a de professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a literatura, reconhece-se que as biografias são fundamentais para a identificação e análise das trajetórias de vida intelectual de professores, especialmente no que se refere à compreensão de seus processos de formação profissional. Esse tipo de estudo apoia-se não apenas nas memórias que emergem das entrevistas, mas também, se sustenta no cotejamento com outras tipologias de fontes, como fotografias do próprio biografado, recurso empregado na presente pesquisa.

Para além de analisar a trajetória de vida, as biografias de professores têm servido para a compreensão da política educacional e das diferentes relações sociais estabelecidas pelos indivíduos na sociedade. O que tem mobilizado os pesquisadores nessa vertente, é considerar o momento de formação inicial e continuada como um dos elementos essenciais para a construção da identidade profissional, o que leva a hipótese de que o processo de formação deixa marcas fundamentais na história de vida dos indivíduos, na qual o método de narrar cumpre alguns papéis

importantes, seja enquanto método de pesquisa, na construção de fontes, seja na autorreflexão sobre a própria formação em andamento (Souza, 2008).

E, embora não constitua o foco principal deste artigo, as narrativas de Dona Creuza permitem vislumbrar, ainda que de modo breve, o contexto educacional de uma época em que, no Brasil, especialmente na Região Nordeste, havia poucas instituições escolares que garantissem o acesso a uma das mais importantes dimensões da formação humana: a educação formal. Trata-se de um período em que ainda eram admitidas punições e castigos físicos aplicados por professoras aos estudantes, muitas vezes autorizados pelos pais e familiares.

Por meio das memórias, o artigo também possibilita compreender o início do processo de formação educacional de uma professora normalista, desde as experiências iniciais da alfabetização até a conclusão do curso normal. Além disso, é salutar reconhecer as dificuldades enfrentadas pela biografada nas instituições educativas, bem como suas tensões, preocupações e medos. Observa-se a maneira como ela conseguiu resolver determinados problemas de aprendizagem, a exemplo do aperfeiçoamento da caligrafia e da “fuga” das palmatórias e das aulas de Educação Física. Tais atitudes revelam estratégias de resistência, expressas em pequenas transgressões ou negociações diante das normas disciplinares, como limpar e organizar armários ou datilografar atas de reuniões.

Por fim, depreende-se da narrativa que, Dona Creuza demonstra plena consciência de sua trajetória de vida, dos percalços, tensões e conquistas que a constituem, bem como da forma específica pela qual construiu seus saberes, ou seja, um processo de biografização que se manifesta por meio de ações e vivências marcadas pela religiosidade, sobretudo, da orientação cristã-católica.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria de Fátima Moura. **Dona Creuza: fonte de inspiração educacional e política no Sertão Central de Pernambuco**. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

ALENCAR, Maria de Fátima Moura; DUTRA, Paulo Fernando de Vasconcelos; SOUZA, Edilson Fernandes de. As valências abertas e as relações (auto)biográficas de Dona Creuza: uma *outsider* na política do Sertão de Pernambuco. **Revista Educação Inclusiva – REIN**, Edição Especial, Campina Grande, Brasil, v. 8, n. 3, p. 43-52, 2023. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/2640>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ALHEIT, Peter. “Biografização” como competência-chave na modernidade. Tradução Jorge Luiz Cunha e Rosani Ursula Umbach. **Revista da FAEED – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/297>. Acesso em: 16 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v20.n36>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contextos, 2015.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação e Sociedade, 1999.

COSTA, Patrícia Cláudia da. Auto-hermenêutica em entrevistas autobiográficas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 75-88, jan./abr. 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v.01, n.01, p. 113-147, jan./abril. 2016.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Trad. Alvaro de Sá. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa. Edições 70 LDA, 2008.

GOHN, Maria da Glória. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 14(50), 27–38. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>. Acesso em: 3 maio. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (Org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto-PT: Porto Editora, 2013.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In.: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto-PT: Porto Editora, 2013.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a via e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 369-386. abr. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?lang=pt>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

SARAT, Magda. (Org.) **Escola Serviço de Educação Integral – SEI Dourados/MS (1980-2023): História e Memórias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SOUZA, Roseane Silva de. Souza, Edilson Fernandes de. A Edificação do Grupo Escolar Otaviano Basílio Heráclio do Rêgo e suas práticas educativas no município de Limoeiro-PE (1968-1971). In: SOUZA, Josefa Eliana, CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. (Org.). **Múltiplos**

objetos e escritas na História da Educação [livro eletrônico]: contribuições para a compreensão da cultura educacional brasileira. Recife, EDUPE, 2022. Disponível em <https://www.edupe.upe.br/images/livros/ebook-multiplosobjetoseescritas1-240322.pdf>. Acesso em: 4 set. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: 07 ago. 2024.

SILVA JÚNIOR, Waldemar Alves da. **O coronelismo em Salgueiro: uma análise da trajetória política do coronel Veremundo Soares: (1920 – 1945)**. Recife: Bagaço, 2008.

WASCHINEWSKI, Susane Costa. **Jessy Cherem (1929-2014): percursos da professora catarinense e seu arquivo em três tempos**. 2020. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

Recebido em: 01 de dezembro de 2025

Aprovado em: 16 de janeiro de 2026